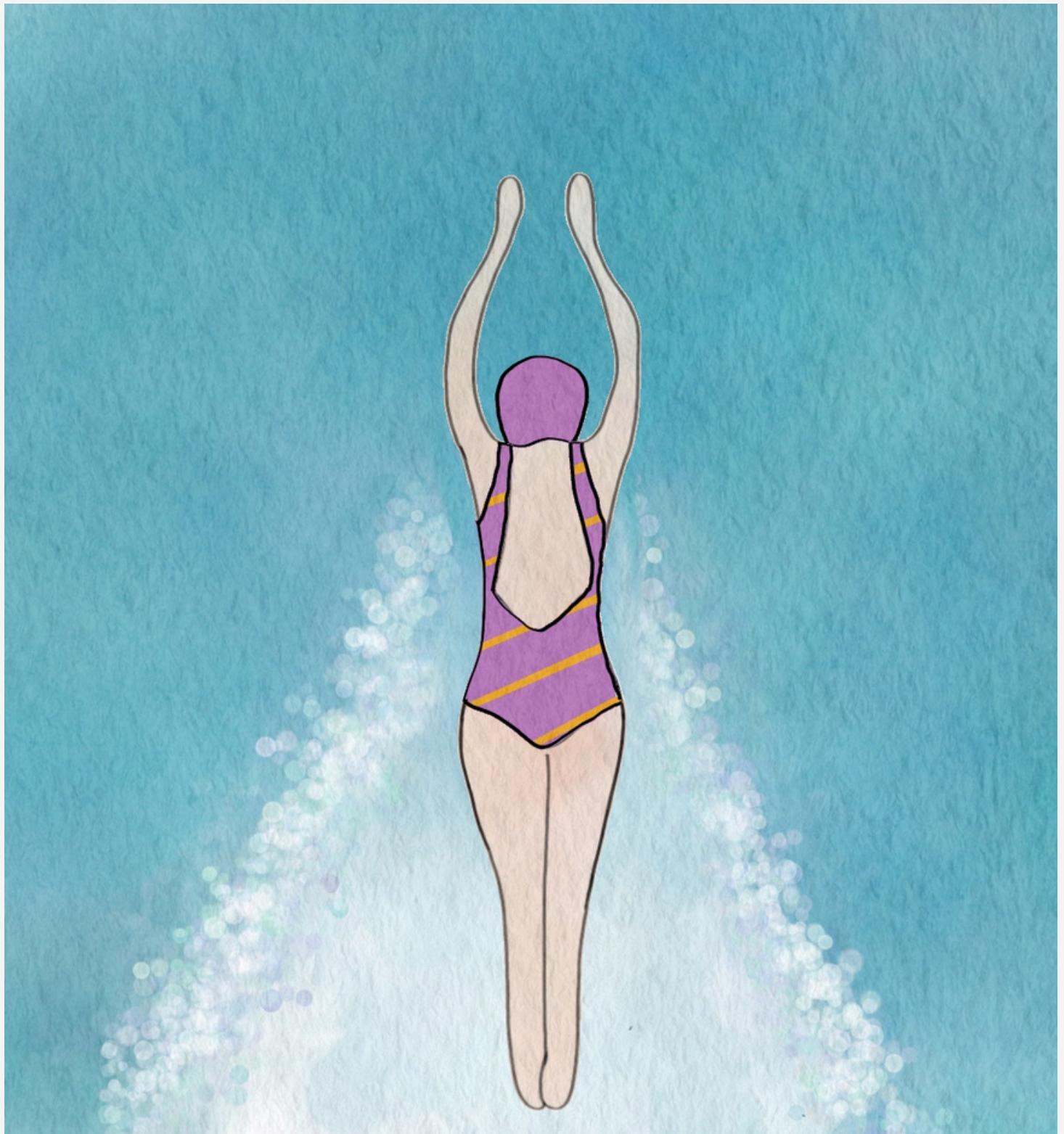


MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 04 | ABR. 25



Manifesto

Altura, abertura e profundeza

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



AS IMANTADAS

Sou a Luciana França Bernardino. Descobri cedo demais que as secretárias das escolas não gostavam de usar o Ç, o que me obrigava a me afirmar nas chamadas, dia sim, dia também. “Luciana Franca?” “Presente. É França.” Curioso, que hoje, quando eu não poderia me importar menos que errem meu nome na espera para fazer um exame, as pessoas começaram a digitar o Ç. Talvez, junto comigo, o teclado tenha mudado. Magnética, porque histórias são feitas para serem lidas. Porque histórias existem para serem contadas.



Meu nome é Renata. Tenho 64 anos. Daqui a três anos, me aposento e mudo de fase. O que mais me anima é não precisar ir ao mesmo lugar, na mesma hora, todos dias. Sou curiosa, pergunta-deira, mais assertiva do que brava (não dá para agradar a todos). Não lido nada bem com a hipocrisia. Fiquei feliz pelo convite para participar desta edição.



ÍNDICE

Meu Mergulho

Luciana França Bernardino 07

A Busca!

Renata Hernandes 09

O Mergulho

Renato Guimarães Ferreira 13

Entre o Chão e o Voo

Paula Bessa 17

Quem É Do Mar Não Enjoa

Ana Maria 18

O Mergulho no M'Orgulho

Mario Aquino 21

Um mergulho de Cores, Sabores e Memórias

Eliana Bianco 23

A Imaginação, Um Mergulho

Sérvio Túlio Prado Jr. 26

Meu Mergulho

“No próximo mês é Um Mergulho, aquilo que nos movimentou, desafiando nossa estrutura. Mergulho no sentido de se jogar de cabeça”, ela diz, me contando o tema da próxima edição da revista.

Primeiro tentei escrever uma ficção. A ideia seria contar sobre um animal recém descoberto que passa por uma metamorfose ao contrário do sapo. O sapo nasce aquático, girino, e depois da metamorfose, passa a ser terrestre. Eu iria inventar um animal que nasce terrestre e, de repente, viraria aquático. A frase seria mais ou menos assim “um dia ele mergulha e não volta nunca mais”. Iria descrever o espanto dos cientistas em entender o que acontece com esse animal e como ele sabe que é a hora de mergulhar, já que nenhuma mudança corporal acontece, nem na aparência externa e nem na forma e estrutura dos órgãos internos. Aí eu me perguntaria como ele sabe que é hora de mergulhar, como ele sabe que a metamorfose aconteceu. Será que sentiria uma energia diferente? Faria ele uma lista de prós e contras para a decisão de mergulhar? Faria uma Terapia Breve, quem sabe na linha da Teoria Cognitiva Comportamental? Conversaria com os amigos? Tentaria contato com aqueles que já mergulharam para saber sobre a experiência deles? Teria ele lido livros sobre o assunto? Esse texto não rolou.

Aí tentei fazer algo autobiográfico. Quais mergulhos existem? Mudança de carreira? Morar fora do país? Casar? Decidir ter filhos? Treinar para uma maratona? E decidir não ter filhos, seria um mergulho? E decidir fazer uma tatuagem? E decidir arrumar a cama todos os dias? Será que o que eu considero

mergulho seria considerado assim pelos outros? E eu, será que conseguiria ver a profundidade do mergulho dos outros? Eu até teria alguns “mergulhos” desses para compartilhar, mergulhos que me deram frio na barriga e me orgulharam, mas, acontece que, depois de passado tanto tempo, não me parecem que esses acontecimentos sejam mergulhos. Parecem somente acontecimentos. Somente a vida, sabe?

Enfim, eu estava quase desistindo de escrever quando um post do Instagram me salvou. Dizia “ACEITAR É QUERER O QUE NÃO SE QUER”. E a legenda explicava: “Admitir isso é resignar-se. Resignar-se é deixar que passe. Mas querer o que não quero – o que no princípio não quis – não é querer isso como se sempre o houvesse querido, não é mudar de opinião, mas antes reconhecer uma necessidade. Tem que ser assim e confio no resultado. Aceitar é uma posição forte – mais forte que uma escolha.”

Taí, o Luciano Lutereau, do Instagram, havia escrito tudo sobre o meu momento de vida. Havia escrito tudo sobre coragem. Havia escrito tudo o que eu poderia escrever sobre mergulho.

Luciana França Bernardino



A Busca!

Fiquei pensando se ao mergulhar, eu fecho os olhos.

Na piscina, certamente, não. Água limpa, calma, com ‘bordas seguras’. Nada a temer. Não interessa quantas idas e vindas, o fim é visivelmente delimitado e seguro. O corpo se movimenta, cansa, mas não se diverte com o trajeto tão bem calculado. Já sei como é!

Ah, porém, não deixo barato e procuro uma brecha. Algumas vezes, antes de sair, paro, olho ao redor e afundo, testando o limite da minha respiração, o meu limite. Quanto tempo, afinal, resisto debaixo dessa água límpida e clara, sem nenhum pensamento me atordoando e martelando a minha cabeça.

Em alguns dias me mantendo imersa por instantes, provando o poder da minha resistência; da minha coragem. Até onde a minha coragem me leva quando saio do script? Ou melhor, como reajo diante da falta da respiração e da visão turva quando o fôlego vai se esvaindo?

Não sei responder. Mas sei que não fico presa à borda.

Desde muito pequena me vejo querendo entender mais. Uma vez fui pedir ajuda à minha professora de catecismo: “Afinal, como eu, você, o mundo surgiu? Como se explica toda essa existência?”

Ansiosa, esperava por uma resposta que me acalmasse, só que não.

Ela respondeu sem titubear, que era melhor eu parar de pensar nessas coisas, senão eu ficaria 'louca'.

Um parêntesis: outro dia ouvi a explicação de uma pessoa sobre como sabemos se estamos no caminho certo na vida. Ela respondeu: "Simples, quando alguém chamar você de 'maluco'".

Foi uma dica e tanto. Sem muita consciência, segui fazendo loucuras. Desafiava a diretora da escola; a minha mãe, quando foi minha professora e surrupiei o exame final do ano, sem medo; pulava o muro no recreio...; fiz um pouco de tudo que era embrulhado por um NÃO, aquele que me fazia desafiá-lo.

Aos 15 anos, vim estudar e morar em São Paulo. Ficava na casa de uma tia que trocava o dia pela noite, para jogar baralho profissionalmente. Não me importava com isso, o que mais me chocava, desde a minha primeira noite chorosa na capital, era o barulho dos carros. Como assim esse lugar não dorme nunca? A minha cidade era silenciada pelas estrelas e pela lua, que decoravam o céu maravilhosamente, e acordada pelo galo ao amanhecer. Onde fui parar?

Parei na melhor escola da vida. Fiz o colégio (atual ensino médio), me formei em jornalismo, participei do Centro Acadêmico, de passeatas, corri de polícia, tracei a revolução num guardanapo, numa mesa de um boteco nojento perto da faculdade; queria muito mudar o mundo. Nesse período, a minha indignação chegou ao auge frente à miséria imoral em que vivia (e ainda vive) uma multidão de pessoas.

O mais irônico é que busquei o jornalismo para mudar o mundo. Primeira semana de Jornal da Tarde entendi que ali era o último lugar para se mudar alguma coisa, naquela redação orquestrada por tantos chiliques egóicos. Naquela época, jornalista acreditava mesmo no seu poder. Fase do amor, ódio, do posso tudo e do não faço nada para fazer acontecer.

Chega desse país. Parti para França, Paris, com passagem somente de ida, sem falar nada do idioma. Primeiro dia de aula, já me lasquei. O metrô entrou em greve. Não sabia voltar para casa. Ainda bem que o Rio Sena não deixa ninguém na mão; é só margear aquela beleza que se chega lá.

É bom ressaltar que não havia internet, rede social. Estava distante a chegada das plataformas Orkut, Facebook, Instagram, que mudaram as relações substancialmente, e, principalmente, o domínio guloso do magnata Mark Zuckerberg pela nuvem.

De Paris, vibrei pelo Plano Cruzado do Sarney, em 1986. Tudo chegava truncado, porém, parecia que seria uma solução bem-sucedida. Final infeliz, com a inflação voltando com mais força.

Um ano depois, voltei para o Brasil.

Segui o script – emprego, casamento, filha, divórcio, depressão, sem deixar a maluquice de lado. A inquietude me mantinha aberta e disposta a entender a existência, claro que a minha.

Percebi nessa busca, que sou mais do mar, onde mergulho com os olhos fechados, no escuro, enfrentando a força e a altivez das ondas. A cada onda um tombo, uma alegria, um aprendizado. Vou atrás do meu despertar, da minha verdade como na brincadeira de cabra-cega.

É nesse lugar infinito, sem borda, que sempre estou me jogando. É nele que me entrego corajosamente, para saber quem sou, o que me fez afastar de mim mesma, do mundo, da minha paz, da minha pureza, da minha perfeição e daquele amor que não provoca dor.

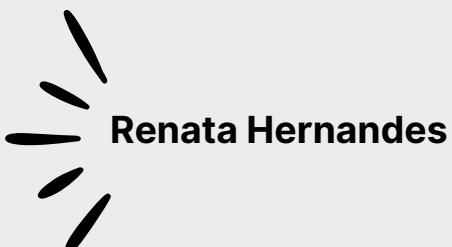
Apesar da água escura, salgando o corpo sem dó, sigo em frente e muitas vezes me afogo no passado. O TEMPO me pega. Consultei o Google para escrever bonito sobre o tema neste texto. A resposta veio em forma de pergunta: tempo cronológico, histórico, atmosférico, biológico?

Não era isso que eu queria, complicou! Melhor deixar o assunto para quem entende, para um amigo querido que conhece muito bem da existência e inexistência do tempo. O Sérvio Túlio, esse meu amigo, é uma espécie de Professor Pardal. Quem lembra? Ele não é inventor, mas faz mágica com tudo que aprende. É uma viagem trocar ideia com essa figura. Recomendo.

Mas voltando para o MAR, onde o nada é tudo, me solto na sua imensidão e me encontro, confortavelmente, com o horizonte sem fim durante a minha busca eterna. E daí, os ‘milagres’ acontecem!

“A felicidade está onde a pomos, mas nunca a pomos onde estamos”.

Vicente de Carvalho



O Mergulho

*"O velho tanque
Uma rã mergulha,
Barulho de água."
Bashô*

Tradução de Paulo Franchetti e Elza Doi

_ "Meu nome é Lyris. Meu nome é Lyris. Meu nome é Lyris."

Ela saiu da Galeria Metrópoles no centro de São Paulo e virou à direita na Avenida São Luiz em direção à Praça da República. Repetia sem parar esta frase, como se a se apresentar ao mundo e a reafirmar sua identidade escorregadia. Algum tempo atrás fomos apresentados um ao outro por um amigo que trabalhou com ela e me confidenciou algumas das coisas que sei sobre ela, mas ela não me reconheceu. Passou batido por mim, batendo os pés com barulho e movimentando pouco os braços.

Parece que houve em algum momento sinais de certa desafinação mental que geraram em seus amigos alguma preocupação: ela dizia ser azul algo que nitidamente era vermelho; que era quadrado, o que se via redondo; que era seco, o que se percebia molhado. Afirmava com convicção cada um de seus juízos e não permitia que ninguém colocasse em dúvida suas percepções.

Algum tempo depois, começou a estabelecer relações de causa e efeito que pareciam fazer sentido apenas para ela e, mais uma vez, não admitia ser contrariada. O semáforo mudava de cores por causa do pássaro que nele pousava; a nuvem mudava de forma porque o sol mudava de cor; portas se abriam e fechavam sozinhas para impedir o fluxo das abelhas e por aí vai. Era uma fábrica de conexões esdrúxulas que estruturavam seu mundo e o dotavam de sentido, tanto em termos de significado, quanto em termos de direção.

Parecia nutrir certa intolerância diante das arbitrariedades da natureza ou de suas manifestações mais intensas. Disseram-me que chegava a chorar quando via um dia de sol se desmanchar em uma tormenta que arrasava a cidade, derrubava árvores, inundava casas. Gritava de dor, uivava de raiva, xingava os céus e a terra e invocava a força vingadora dos raios e trovões que caíam sobre a cidade.

Para surpresa de muitos, sabia também ser doce, ainda que isso fosse mais difícil de se ver. Dizia não poder ser doce demais, pois o mundo era cruel e ela era diabética. Contaram-me que tinha um gato e vários pássaros soltos em seu apartamento, todo fechado com telas e ornado com plantas que serviam mais a eles do que a ela. Ali dentro, vivia em estado de poesia.

Curioso, eu a acompanhei discretamente em seu caminho. Não se detinha frente a nada, seguia com passo firme se esquivando das depressões da calçada e das pessoas que caminhavam em sentido contrário – muitas vezes sem a mesma determinação dela. Na esquina, parou e tive a impressão de que ensaiou alguns passos de tango. Fiquei me perguntando depois: “*Por que pensei logo em tango?*”. Aí me lembrei de uma frase que ouvi em algum lugar e guardei comigo: “*o tango é um pensamento triste que se pode dançar*”. E eu a imaginei, ali, naquele momento, sozinha, triste e com vontade de dançar.

Eu a vi entrar na Praça da República, caminhando com a autoridade de alguém que conhecia bem o pedaço. Com sua blusinha da Shoppee, estampada com a imagem de um gato apoiado em um girassol, avançava pela praça como quem ia para a guerra. Cumprimentou o rapaz da banca, onde já comprei uns óculos de leitura que me acompanharam por muito tempo, a despeito de seu preço de jujuba. Respondeu com má vontade ao aceno da moça da pipoca, como se aquilo fosse em primeiro lugar uma perturbação e só depois causasse algum efeito positivo.

Ao passar pelo coreto, um homem de casaco puído e algumas sacolas na mão a reconheceu e perguntou, num tom entre agressivo e irônico: “E aí, como é que você está?”. Ela ficou nitidamente em dúvida se calava, chorava ou mentia. Resolveu mentir: “Bem”.

Seguindo em sua cola, curioso e apreensivo, eu a vi se aproximar do lago, com seu repuxo d’água beijando o céu. Olhava fixamente para a água trêmula, enamorada dos reflexos das árvores que se confundiam com os dos prédios e das nuvens. Ela própria não se via refletida.

Disseram-me que, quando foi resgatada, ela afirmou para dúvida de ninguém que, por um momento, se sentiu uma rã, mas que só resolveu mergulhar mesmo quando, recuperando elementos inenarráveis de seu passado, se certificou de que era mesmo uma sereia. Lyris, a sereia urbana.

Não sei explicar o que a levou a fazer ou imaginar isso. Sei pouco sobre ela e, mesmo se soubesse muito, acho que não seria suficiente para entender os meandros de seus desejos e preocupações.

Acho que a gente nunca conhece o suficiente as coisas, pois elas não se cansam de fazer estripulias com toda e qualquer expectativa. Mas também não estou preocupado em explicar nada: só quis contar o que vi e vivi. E foi assim, ou quase assim, talvez um pouco além ou aquém.

Nunca mais a vi, mas outro dia, na praia, acho que vislumbrei seu rabo mergulhando na água. Acenei sofregamente e gritei repetidas vezes: “*Lyris, Lyris, Lyris*”. Percebi à distância o arrepio de suas escamas ao ser reconhecida. Desci lentamente a mão que acenou até que ela tocasse a areia e rezei a todas as divindades do mar pedindo para que ela não morresse afogada em suas dores.



Renato Guimarães Ferreira

Entre o Chão e o Voo

Do chão ao trampolim, há um tempo que não se mede.
Um tempo suspenso, feito de respiração que se ouve por dentro.
Cada degrau reduz rostos e sons,
dissolve peso, apaga a pressa.
O mundo vira contorno,
sem forma e sem significado.
O corpo não tem medo, nem coragem;
Ele será impulso sustentado pelo vazio.
Caminho até a ponta, onde meus pés encontram a borda.
Não há mais chão.
Não há mais nome.

(As formas não possuem propósito em si mesmas.
Elas só contornam as nossas memórias e as nossas esperanças...
o nosso passado e o nosso futuro).

Paula Bessa 

Quem É Do Mar Não Enjoa

Interessante pensar no mar e em suas ondas. Completamente diferente de pensar, por exemplo, em submarinos. Pois é....acabei de me lembrar do capitão Nemo, das 20 mil léguas submarinas. Independente do belíssimo texto do Jules Verne, a imagem que me vem à mente é a do capitão do filme, muito pouco apropriada aos dias atuais. Mas, uma vez que a mente pode divagar, a minha foi em primeiro lugar para a viagem ao centro da terra, livro do mesmo autor, e em seguida ao desenho animado Procurando Nemo. Esse peixinho não era nada belicoso, ao contrário do seu xará, e foi retirado do mar para um aquário, o que restringiu bem seus horizontes.

Shakespeare, em Romeu e Julieta, perguntou What's in a name e eu sempre tive dificuldade em compreender, por exemplo, o nome Ariel. Como nome próprio, é masculino e feminino em diversos idiomas e significa leão de D'us, em hebraico. Transmutações e mutações, virou Ariel a pequena sereia. Que não é nem um pouco semelhante a um leão, mas é ruiva no desenho animado e preta no filme, mais recente. Mas como explicar o nome dando consistência a um produto de higiene? Para lavar roupas, ainda, lembrando que esta não é a realidade, tão prosaica, de uma sereia idealizada.

Começo a perceber que minha cabeça anda (ou fica parada) cheia de desenhos animados e ainda de fundo do mar. Para voltar à superfície, como dizia Vinícius de Moraes, a vida vem em ondas como o mar. Além da metáfora, a imagem também é linda.

As ondas podem ser curtas e longas, mansas e ferozes, pacíficas ou destruidoras. Neste poema, o verso fala na ordem, pois logo no seguinte afirma que os bondes andam em cima dos trilhos. Mas este mesmo poeta, referindo-se a um de seus vícios, atribuía ao whisky a característica de ser um cachorro engarrafado, constituindo-se dessa forma no melhor amigo do homem.

Será que dá para não se afogar, após um mergulho no inconsciente? A cada braçada aparece, concreta ou potencialmente, mais espuma. A cada inspiração um pouco mais da aflição de não ter certeza em relação a de onde deve vir o oxigênio, que já faz falta, pois frequentemente é um mergulho sem tubos ou cilindros.

E o fato de as ondas irem, virem e voltarem remete ao moto contínuo...tanto do filme do dia da Marmota (Groundhog Day) quanto dos versos do Chico Buarque em Cotidiano (todo dia, faz tudo sempre igual) quanto da vida de cada um, independente das emoções vividas. Afinal, entre os picos ou as ondas das emoções há sempre os vales e as planícies da rotina. Mergulhar na rotina também ensina a (sobre) viver, talvez até a aceitar ou a entender. Será que apenas as emoções valem a pena? Precisa ser muito poeta, talvez, para dizer que tudo vale a pena?

E tem a arte, que sempre é necessária, independente do que se esteja chamando de arte. Nem discuto o belo horrível, conceito que me deixava muito confusa quando aprendi português, até aprender a relatividade com a qual nos acostumamos com a idade. Difícil é dizer qual a arte boa ...curso de crítica de arte resolve? Ou interessa mais aquilo que toca cada um(a), mesmo que não se enquadre nos cânones. Conseguir não se afogar é bem objetivo, mas assumir qual é a arte que faz sentido, seja ela poesia, prosa, música, pintura, escultura. Mas, por exemplo, a arte imita ou não a vida? Ou querem que o contrário aconteça? Por mais discutível que isso seja. Por exemplo, campanhas contra o nicotinismo baniram da mídia atores fumando como possibilidade de *merchandising*.

Como pode um remake moderno de uma novela de sucesso, insisto no termo moderno, apresentar dois personagens fumando cigarros e um deles, saudável, jovem, rico e atlético, ostentando um isqueiro de ouro como objeto de MUITA estimação? Minhas redes sociais foram inundadas com essa informação ontem à noite.

Dá para se afogar em fumaça? Ou usar o termo nuvem de fumaça para esconder uma nova campanha incentivando o hábito do fumo? Que enjoia, enjoia. Talvez enoje. Fumaça também envolvia as predições (ou seriam previsões) da Pitia de Delfos. Sem contar as nuvens, que guardam muitos dos nossos segredos. Quem diria que a pitonisa se tornaria uma estratégia de pesquisa, às vezes mal entendida, às vezes mal desenvolvida, mas cuja confiabilidade não é tão diferente da grega. Validade ela tem, como qualquer estratégia de pesquisa. Depende do(a) pesquisador e do que ele(a) quer conseguir.

Fazer a própria pesquisa me parece valer mais que navegar na tal da internet. Embora eu já esteja me acostumando a naufragar....enjoar nunca!



O Mergulho no M'Orgulho (ou quando Almodóvar fez um cordel)

Nas ondas do vasto oceano,
João, um velho pescador,
Caiu do barco nas águas
Sem saber de seu amor.
No fundo, ouviu uma voz
Que chamava com calor.

Era uma linda sereia,
De beleza sem igual,
Que dizia com doçura:
— “Vem, te salvo do final.
No meu beijo há esperança,
No meu canto, um ideal.”

João, rendido ao encanto,
Foi seguindo a sedução.
Mas surgiu, entre as bolhas,
Outro brilho na visão:
Um tritão com fala mansa
E olhar de constelação.

— “Também sou parte do canto,”
Disse o tritão, com ternura.

— “O amor mora no afeto,
Não se limita à figura.
A beleza é ponte e vento,
Não só linha ou moldura.”

João, então, teve um choque:
Dois amores no seu cais!
Mas a sereia lhe disse:
— “Se teu peito abriga mais,
Não há erro no mergulho
Que se lança para a paz.”

João sorriu para os dois,
Com ternura e decisão:
— “M’orgulho desse mergulho
Que curou meu coração.
Dois amores encontrei
No fundo da imensidão.”

Mario Aquino

Um Mergulho de Cores, Sabores e Memórias

Acordo animada. Tenho para hoje um programa que a maioria dos paulistanos odeia, mas eu confesso que adoro: vou fazer compras na 25 de Março, a rua de comércio popular de São Paulo, que acabo de descobrir, está completando 160 anos de existência.

É verdade que o lugar já viu dias melhores. Tento me lembrar quando foi a primeira vez que andei por ali. Acho que o mais longe que minha memória consegue chegar foi quando fui comprar tecidos para meu vestido de formatura. Eram muitas as lojas na Ladeira Porto Geral e na 25 de Março que vendiam uma infinidade de cores e texturas de tecidos diferentes. Algumas tinham até um figurinista. Quem comprava o tecido podia levar o desenho do vestido. E foi assim que escolhi o meu. Eu tinha 20 anos e me formava em Pedagogia. O tecido era rosa, levemente perolado, modelo acinturado, saia rodada. Lindo para a época, hoje seria um horror... (risos)

A rua era, então, um mergulho num mundo de texturas e cores. Era lindo ver todos aqueles tecidos luxuosos e rendas com seus caimentos perfeitos enfeitando as portas das lojas, em total contradição com as calçadas esburacadas, prateleiras empoeiradas e o lixo nas sarjetas, que sempre existiram por ali.

Interessante saber que aquela sempre foi uma região de comércio, desde a fundação da cidade. O Porto Geral (que hoje dá nome à Ladeira) era por

onde chegavam as mercadorias vindas pelos rios e canais do baixo Glicério. As lojinhas vendiam de tudo. Tudo que enfeitava e embelezava a cidade e seus habitantes chegava por ali.

Junto com as mercadorias, os rios traziam também um mergulho nas mais variadas culturas internacionais, seus aromas e sabores. Os comerciantes eram, em sua maioria, de origem árabe - os "turcos", como foram apelidados pelo paulistano que nunca se preocupou em distinguir as etnias árabes. Além dos tecidos, rendas, botões e aviamentos em geral, os "turcos" trouxeram também a culinária com suas deliciosas esfihas e doces, que ainda se encontram em poucos lugares por ali.

Depois a rua ganhou mais variedade. Entraram os produtos de artesanato, os presentes, os brinquedos, as bijuterias. Os "turcos" foram substituídos pelos "chineses" - de novo o paulistano generalizando as etnias... O sotaque das lojas mudou. O tratamento à freguesia também. Ninguém consegue ser mais simpático com o freguês do que os "turcos". Mas as vendas aumentaram, assim como o volume de pessoas. São consumidores em busca de melhores preços, turistas em busca de atração, trabalhadores em busca do ganha-pão.

Os produtos ilegais ganharam espaço, ocupam as calçadas, galerias. De repente, uma correria... — Olha o rapa!!! Bancas desmontam-se em segundos, a multidão se divide, alguns se afastam, outros assistem apáticos à cena como acostumados a esse espetáculo diário.

Lembrar das minhas idas à 25 é também um mergulho nas minhas memórias e nas fases da minha vida. Depois do vestido de formatura, vieram o material escolar para as crianças que eu lecionava. Quando me casei, visitei a rua muitas vezes para compras para a nova casa.

Com minha filha pequena, as visitas eram para a decoração das festas de aniversário, para os presentes do Dia das Crianças, decoração de Natal, presentes do Papai Noel... Como artista plástica meus mergulhos são nos materiais de arte e pintura, de muitas variedades por ali.

Hoje meus mergulhos na 25 ainda são prazerosos, porém bem mais rasos. Não me interessam os produtos para cabelos e unhas em gel que abundam por lá. E, já menos jovem, tenho menos disposição para andar um dia todo entre os apertos dos transeuntes e os gritos dos ambulantes. Então, me restrinjo às lojas que tenho que visitar e faço uma paradinha para comer esfihas no Raful. Sempre indispensável! Volto para casa inundada de sacolas cheias de compras úteis e inúteis, mas com a sensação agradável de mais uma vez ter enfrentado e vencido as águas tormentosas da verdadeira realidade paulistana. A 25 é assim: caótica, colorida, barulhenta, imprevisível. E talvez seja exatamente isso que me faça sempre voltar.

Eliana Bianco



A Imaginação, Um Mergulho

Copiei a quadra na capa de um caderno de faculdade, para que a inspiração não se perdesse - copiei ali minha ansiedade de jovem. Veio de um livro, folheado certamente a esmo, numa antessala já descrita em um texto cometido anteriormente nesta mesma nossa revista.

*"If poets' verses be but stories,
So be food and raiment stories;
So is all the world a story;
So is man of dust a story."*

*"Se versos são somente histórias,
que o que se veste, e o que se come, nada sejam que somente histórias,
e que seja todo o mundo só uma história
e seja só uma história o homem feito de sopro e argila"*
(tradução livre)

A verdade é que acabei por achar eu o livro, não sei ao certo quando, mas imagino que alguns anos depois: livraria Zipak, Al. Lorena. E desse momento em diante, por trinta anos, eles puderam seguir latentes comigo - os versos que eu tanto temia esquecer - memória, caderno e livro.

Eu não sabia exatamente por que tinha gostado tanto deles, mas como tantas outras coisas desse meu tempo de "acumulador", onde eu catava temas e ideias por toda parte, havia a permanente expectativa de que mais tarde eu lhes daria o devido lustro e destaque.

Uma esperança procrastinadora...

Ou talvez já houvesse ali alguma consciência de que a minha presunção de talento é sempre um múltiplo inteiro positivo em relação à minha real competência para as coisas. Estimo inclusive que esse número seja sempre, no mínimo, maior que dois.

Porque deixar para depois é sempre uma estratégia... ou para que se possa aprender o que ainda não se sabe, ou para não confrontar a própria incapacidade em vir a saber. Não sei ao certo qual o meu caso. Não sei se saberei um dia.

Mas história dos versos segue e é boa em si mesma. Valeu mergulhar e, mais do que resgatá-los do abismo do que poderia vir a ser, descobrir de verdade para onde eles conseguiram me levar.

O livro com a quadra era o “*Celtic Heritage*”, uma reimpressão de 1989 de uma edição original de 1961. Eu me pergunto se teria sido essa a que eu manuseei de início. Um TOC de quem rastreia referências...

Seus autores foram irmãos e foram galeses - Alwyn e Brinley Rees - o primeiro geógrafo, antropólogo e o outro, linguista. Em vinte e sete capítulos e um epílogo, onde foi incluída a quadra – são descritas narrativas tradicionais da Irlanda e do País de Gales e, partir daí são traçados paralelos a outras mitologias indo-europeias, focando principalmente nos Vedas, nos Upanishads, o Mahabharata e o Ramayana.

Camaradas de fôlego os dois irmãos. E sim, eu gostaria muito de poder contar com um nível minimamente compatível de oxigenação.

O trabalho de ambos é muito mais que bem-feito, é claro, e serviu-me de ponte para o outro livro, a fonte de onde os versos foram inicialmente retirados. Tratava-se de uma tradução de 1919 feita em grande parte por um padre de Liverpool, financiado pelo *Irish Fellowship Club* de Chicago, e que teve como base uma coletânea original de textos escrita em irlandês médio tardio (séc. XII ao XV).

Esse compilado, o *Betha Collam Chile*, de 1532, apresentava histórias associadas a vida de *Collumcille* (São Columba) e fora elaborado pelo herdeiro e futuro líder do clã O'Donnell, senhores de Tirconnell, um território que, na época, correspondia a maior parte do Donegal, e a territórios em Inishowen, Kinel-Moen, and Fermanagh, todos dentro dos limites históricos do Ulster, no norte da Irlanda.

E é aí então que tudo começa a ficar realmente interessante, quando eu acesso os versos primordiais na sua primeira tradução para o inglês

*"Masa brec gach dan suad,
is brec brat's as brec biadh,
's as brec an domhan uli,
's as brec fos an duinecradh."*

*"If poets' verses be but fables,
So be food and raiment fables;
So is all the world a fables;
So is man of dust a fables."*

Como *fables* não são *stories*, como o são nos versos que eu tanto gosto, e como tampouco para mim soam ou se fazem sentir melhor, encruzilhei-me de imediato com a mudança poética feita.

Para quem se guia pelo som e pela cadência das palavras umas em relação as outras, e quer ir para além do literal e do processo de significação lógica, esse tipo de nuance, que para quase toda a gente é irrelevância, não passa desapercebido.

E se houvesse alguma alteração adicional na tradução do trecho primitivo? Alguma ideia a mais, alguma outra inspiração poderia haver aí?

Fui então ao ChatGPT, que aparentemente conheceria, vejam só, o irlandês médio tardio como o meu filho João conhece a escalação do São Paulo. Ele então me trouxe o seguinte:

*"Se toda arte (ou poesia) é vã,
é vã o manto, e vã o alimento,
vã é também toda a Terra,
e vã é ainda a dor humana."*

Nem *stories*, nem *fables* mas *coisas vãs*, vazias? Exatamente como nas “névoas de nada”, interpretação de ritmo, sentido e imagem do Eclesiastes que Haroldo de Campos fez, ao sucessivamente escutá-lo como Qohélet (קוהלֶת) numa gravação em hebraico que lhe fizera uma colega lendo o texto em voz alta.

Para avaliar o quanto IA poderia estar enganada, dei uma checada na palavra “*brec*”, repetida em todas quatro frases. Por se repetir, seria o que corresponderia a “*stories*”, “*fables*” e “*coisas vãs*”.

Primeiro, busquei por um Antigo Testamento em irlandês moderno, mas vi que ele utilizava um outro termo, correspondendo à vaidade do *vanitas vanitatum* da *Vulgata* tradicional, a primeira tradução da Bíblia do grego para o latim. Fui então de etimologia, identifiquei inclusive em um possível cognato existente no sânscrito – e, entre diversas possibilidades que incluíam falsidade e mentira, emergiram coisas como engano, não-verdade, ou como o vazio existente em uma promessa que não se cumpre. Aí estava o que eu procurava.

Sim, *stories*, *fables*, *coisas vãs* – tudo igualmente imaterial e vazio de realidade palpável – tudo isso tangenciava um mesmo sentido. Um sentido com a exata ambiguidade que há tantos anos me encanta.

Como poderiam versos, histórias, fábulas fazer o mundo, fazer o que se come, fazer o que se veste? E, havendo aí verdade, como poderia ser tudo isso apenas um igual vazio?

Eu sei, eu sei, já me avisaram os meus queridos revisores, o texto está longo, complicado, meio chato - mas para quem chegou até aqui, devo certamente um desfecho e peço só um pouco mais de paciência.

Não há o que fazer senão seguir com a análise. No *Betha Collam Chile* a quadra na verdade faz parte de um poema maior. Nele, se atribui a *Collumcille* a defesa dos poetas como homens de conhecimento, como guardiões da tradição. Se necessitavam defesa, em plena Idade Média, é porque certamente já enfrentavam resistência ao que representavam, penso por não serem capazes de revelar o que deles se esperaria.

O “desencantamento do mundo” tem para mim uma outra fórmula. Sem imaginação a letra é morta, e qualquer tradição, vacuidade. Isso vale para todos os deuses e línguas que já se foram e também para os algoritmos que me fascinam em suas respostas imediatas. A máquina não imagina, elabora estatisticamente símbolos e atribuições de significados. No que para ela são só blocos de elétrons ou a ausência deles. Quem imagina sou eu. O eu de cada um.

Seria assim a capacidade de imaginar a chave que me ajudaria a responder as perguntas que acabei de fazer?

Sinto ser esse o caminho.

Tenho visto acontecer, literalmente à minha frente, dia após dia, todo o processo que me serviu de inspiração para a proposta que uma noite fiz à gente valente e generosa deste nosso grupo. Observo a meses a forma como a Paula,

integrante original desta Magnética, encontra as suas palavras por um caminho que não poderia ser mais distinto deste que é o meu - sem dialéticas ou argumentos, sem aspas, nem ricochetes – um fluxo que se inicia em um lugar que desejo alcançar, mas que também me vejo receoso em conhecer. Um lugar de onde um texto quase pronto se desdobra, ou melhor, se estende, muito próximo já da sua forma final. É como se houvesse dois vazios, um para onde se vai quando o sentido se contrai e se perde, outro de onde se vem quando o sentido passa a poder se expandir. Seriam dois, ou seriam o mesmo? Como é isso? Algo como o Kerouac, a escrever da mesma forma como vive a gente que ele descreve:

"... the only people for me are the mad ones, the ones who are mad to live, mad to talk, mad to be saved, desirous of everything at the same time, the ones who never yawn or a saw a commonplace thing, but burn, burn, burn like fabulous yellow roman candles exploding like spiders across the stars ... »

"... porque as únicas pessoas que me interessam são os loucos, os que estão loucos para viver, loucos para falar, que querem tudo ao mesmo tempo, aqueles que nunca bocejam ou falam chavões... mas queimam, queimam, queimam como fogos de artifício pela noite..."

(Tradução livre – Eduardo Bueno - Kerouac, Jack. On the Road - O Manuscrito Original -Portuguese Edition - L&PM Pocket. Edição do Kindle.)

Rapaz, isso é ter texto. Mais um item catado por aí na capa de um outro caderno. E eu que sempre quis ir por aí... só não sei se quero isso sempre, porque afinal assim não escrevo.

Esse é o real mergulho – imaginar. A imaginação dos contos, dos romances, das imagens e sinfonias. E também do que é hipótese, função, padrão e geometria. De onde ela viria realmente? Onde procurar por ela? No instante, antes do tempo, onde o objeto lançado ao céu atinge seu ápice e, estático, ainda não

iniciou a própria queda? Ou no que ainda não é rastro, nem memória, nem matéria, mas promessa do que se pretende revelar? É na iminência vibratória da corda original, no proto-ponto sempre presente que antecipa o espaço-tempo?

Imaginando agora que eu chegue um dia a encontrar em mim respostas, lá na mata espessa de tudo o que há, e também de tudo o que eu sou, imaginando que eu veja o olho d'água onde nasce o rio, e me veja a mim com esse mesmo olho, não é ali também que encontrarei o pensamento e tudo mais que dele fluí?

E o pensamento, hein?

... ok, ok, ok, já entendi. Vou parar por aqui. Já abusei o que eu podia de quem até aqui perseverou. Sinta, de verdade, o tanto que lhe sou grato. Até uma próxima, espero...

Sérvio Túlio Prado Jr.



P.S.: Desculpem, por favor, mas não deu para me aguentar!! Um insight ainda me surgiu depois de mandar para a edição o que pensei ser a versão final do texto. Logo que parei de escrever, saí de casa e fui nadar, vejo agora que num círculo completo com nossa capa do mês. Foi lá, na piscina, que a coisa toda aconteceu para mim. Nadando percebi já não precisar de qualquer outra evidência para as minhas hipóteses sobre a imaginação. A minha própria experiência enquanto escrevia já era o que eu poderia buscar – a redução matemática à expressão mais simples. Mais de trinta anos da minha vida, mais do que a metade dela, se misturaram aos quem sabe mil anos dos quatro versos. Se eu contar a referência ao Eclesiastes, recua-se mais ainda... O tempo do corpo, o tempo do mundo, o corpo do mundo: Jerusalém, Gales, Donegal, Liverpool, Heidelberg, Chicago, Queens, Lapa e Santa Cecília, tudo num só colapso à minha frente. Tudo para que eu compreenda, para que caiba em mim, num só instante, uma só ideia. Um só pensamento imaginado.

INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

